



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 22/04/2022 a 28/04/2022

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
22/04/2022	17,16	458,80	83,26	10,65	7,93
25/04/2022	17,03	452,40	82,74	10,62	8,00
26/04/2022	17,05	444,80	85,29	10,83	8,03
27/04/2022	17,26	451,00	87,80	10,80	8,15
28/04/2022	17,06	440,20	90,60	10,74	8,16
Média	17,11	449,44	85,94	10,73	8,05

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	190,00	
RS – Não Me Toque	190,00	
RS – Londrina	183,00	
PR – Cascavel	183,00	
MT – C.N.Parecis	170,00	
MS – Maracaju	183,00	
GO - Rio Verde	170,00	
BA – L.E.Magalhães	173,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	94,00	CIF
Porto de Paranaguá	95,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	84,00	
SC – Rio do Sul	84,00	
PR – Cascavel	81,00	
PR – Londrina	82,00	
MT – C.N.Parecis	75,00	
MS – Maracaju	79,00	
SP – Itapetininga	85,00	
SP – Campinas	89,00	CIF
GO – Rio Verde	80,00	
GO – Jataí	80,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	94,00	
RS – Não Me Toque	94,00	
PR – Londrina	93,00	
PR – Cascavel	100,00	

Período: 27/04/2022

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 28/04/2022**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	84,84	186,86	93,72

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
28/04/2022**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	72,30
Feijão (saco 60 Kg)	279,33
Sorgo (saco 60 Kg)	66,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,29
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,08**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,09

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Março/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

A cotação da soja, para o primeiro mês, ficou acima dos US\$ 17,00/bushel pela segunda semana consecutiva, flertando com as máximas históricas naquela Bolsa. Todavia, o fechamento desta quinta-feira (28) ficou abaixo do registrado uma semana antes, ao se consolidar em US\$ 17,06/bushel, contra US\$ 17,48.

O plantio da soja nos EUA caminha lentamente, dificultado pela falta de chuvas em algumas regiões. Assim, até o dia 24/04 o mesmo chegava apenas a 3% da área, contra 7% no mesmo período do ano passado e 15% na média histórica.

Esta realidade mantém o mercado em alta e com forte volatilidade. Além disso, há problemas de logística nos EUA e, especialmente, continua a pressão da guerra entre Rússia e Ucrânia, a qual fez disparar novamente os preços do óleo de soja (em Chicago o mesmo atingiu seu recorde histórico de 90,60 centavos de dólar por libra-peso neste dia 28/04, com um aumento de 14,8% em apenas oito dias úteis). Mesmo com as cotações do farelo recuando, a alta expressiva do óleo sustenta igualmente as cotações do grão na Bolsa. Nesta área, além da manutenção de preços elevados do petróleo, há preocupação diante das dificuldades de exportação de óleo de palma pela Indonésia, grande produtor do produto.

Neste contexto, os fechamentos na economia chinesa, devido a novos surtos de Covid-19, ameaçando, inclusive, atingir a capital Pequim, não evitam as altas da oleaginosa. É bom frisar que a China está menos presente no mercado nos últimos tempos, fato que, mais cedo ou mais tarde, em assim continuando, terá efeito sobre as cotações.

Enquanto isso, na Argentina, segundo a Bolsa de Cereais de Buenos Aires, até o dia 21/04, a colheita da safra de soja deste ano atingia a 31% da área total. A safra final será menor, pois a seca igualmente atingiu o vizinho país neste último verão. As últimas estimativas internacionais (USDA) dão conta de um volume final ao redor de 43,5 milhões de toneladas, contra 46,5 milhões um ano atrás e 48,8 milhões dois anos atrás. Porém, a Bolsa de Buenos Aires estima uma produção de 42 milhões de toneladas, enquanto alguns analistas privados locais chegam a falar em uma safra de apenas 40 milhões de toneladas. Pelo sim ou pelo não, até o início da presente semana os produtores argentinos haviam vendido 13,6 milhões de toneladas da atual safra, contra 15,5 milhões em igual momento da safra passada.

Já no Brasil, o câmbio reverteu sua tendência de valorização do Real e trouxe a moeda nacional para níveis entre R\$ 4,95 e R\$ 5,00 por dólar nesta semana. A forte possibilidade de um aumento maior nos juros básicos dos EUA, no início de maio, assim como, novamente, distúrbios políticos internos no Brasil, especialmente entre a presidência da República e o STF, trouxeram instabilidade à moeda. Lembrando que a forte inflação nacional deverá elevar a Selic, em nosso país, na reunião do Copom da próxima semana Tal elevação, provavelmente, será entre 1,0 a 1,5 ponto percentual. Assim, os três principais elementos formadores do preço da soja no país caminharam no sentido de elevar o preço interno da oleaginosa (Chicago ao redor das máximas históricas; câmbio voltando próximo aos R\$ 5,00; e prêmios nos portos nacionais entre US\$ 1,60 e US\$ 1,90/bushel).

Desta forma, não é surpresa o fato de o saco de soja, na média do balcão gaúcho, chegar a R\$ 186,86 nesta semana, enquanto nas demais praças o mesmo girou entre R\$ 170,00 e R\$ 183,00.

Enquanto as indústrias moageiras brasileiras estiveram mais ativas nas compras de soja nestes últimos dias, ação que eleva a liquidez do mercado nacional, os produtores que possuem o produto não mostram muito interesse em vendê-lo, esperando recuperação dos preços, após os mesmos terem superado os R\$ 200,00/saco em algumas regiões do país (especialmente no Rio Grande do Sul), pouco tempo atrás.

Dito isso, no Rio Grande do Sul, a colheita avançou um pouco mais, estando hoje ao redor de 65% da área total, apesar das chuvas serem relativamente constantes em muitas regiões do Estado. As perdas gerais apontam para um total de 55% em relação ao volume esperado inicialmente, com a produtividade média estadual, atual, girando ao redor de 25 sacos/hectare. (cf. Emater)

No Mato Grosso do Sul, a safra igualmente sofreu perdas importantes. As mesmas seriam de 34,5% em relação ao colhido no ano anterior, atingindo um volume final de 8,7 milhões de toneladas. Em relação ao inicialmente esperado, as perdas chegam a 31,1% tomando-se como referência a produtividade média. Assim, o Estado deixou de colher um volume equivalente ao que exporta todos os anos, ou seja, 4 milhões de toneladas de soja. (cf. Projeto SIGA/MS)

Em paralelo, no Brasil, a colheita teria alcançado a 92% da área no início da presente semana. Espera-se um volume final colhido ao redor de 120,1 milhões de toneladas (cf. AgRural).

Enfim, as exportações de soja pelo Brasil foram revisadas para cima no que diz respeito ao volume esperado para abril. Agora, segundo a Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec), o volume final do mês poderá alcançar 12,1 milhões de toneladas. Mesmo assim, longe dos 15,7 milhões alcançados no mesmo mês de 2021. Enquanto, isso as vendas externas de farelo de soja, em abril, ficam estimadas em 1,93 milhão de toneladas, contra 1,58 milhão um ano antes.

MERCADO DO MILHO

A cotação do milho, para o primeiro mês, voltou a superar os US\$ 8,00/bushel nesta semana, tendo o fechamento desta quinta-feira (28) ficado em US\$ 8,16, contra US\$ 7,99/bushel uma semana antes.

O mercado está muito atento ao comportamento do clima nos EUA, neste momento de plantio da nova safra. O tempo seco vem atrasando igualmente o plantio, tendo o mesmo atingido apenas a 7% da área esperada até o dia 24/04, contra 16% um ano atrás nesta época, e 15% na média histórica para o período. Sendo que, da área plantada, 2% emergiu, contra 3% na média histórica para a época.

Já na Argentina, os produtores locais de milho haviam vendido 22,6 milhões de toneladas da safra 2020/21, até o dia 20/04. O ritmo de venda aumentou nestes dias de abril. Por sua vez, as vendas totais de milho da safra 2021/22, cuja produção a Bolsa

de Cereais de Buenos Aires estima em 49 milhões de toneladas, são praticamente iguais às da safra passada na mesma data. A Argentina é um forte exportador mundial de milho, tendo colhido 23,2% da atual safra, até o final da semana passada.

E no Brasil, os preços do milho reagiram um pouco, porém, ainda se mantêm aquém de seus melhores momentos neste ano. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 84,84/saco, enquanto nas demais praças nacionais o produto oscilou entre R\$ 75,00 e R\$ 85,00/saco. Já na B3, o contrato maio/22 fechou o dia 27/04 em R\$ 93,29/saco, enquanto julho ficava em R\$ 94,20, setembro em R\$ 96,65, e novembro em R\$ 97,95/saco.

A recuperação ocorreu em cima da presença mais expressiva de compradores no mercado nacional, enquanto os produtores seguraram o cereal após as fortes altas em Chicago.

Dito isso, no Rio Grande do Sul, segundo a Emater, até o final da semana passada a colheita atingia a 82% da área cultivada, com algumas regiões prejudicadas devido ao excesso de chuvas.

No Mato Grosso, conforme o Imea, houve nova alta nos custos de produção do cereal. O custeio da safra futura com alta tecnologia, naquele Estado, aumentou 1,21% em relação ao levantamento feito em fevereiro passado, tendo fechado o mês de março em R\$ 3.265,08/hectare. Em março de 2022, na lógica do restante do país, o preço do MAP aumentou 108%, da ureia 95,6% e do cloreto de potássio 155% se comparado com março de 2021. Afora o forte aumento dos preços, ainda existe a preocupação com o fornecimento dos insumos, devido a guerra entre Rússia e Ucrânia, e a crise da Covid-19 na China.

Soma-se a isso o clima, já que as lavouras de milho mato-grossenses vêm sofrendo com baixas precipitações de chuvas. Abril teve o menor volume de chuvas dos últimos 17 anos naquele Estado, com a mesma ficando ao redor de 30mm, ou seja, 70% abaixo da média registrada na última década. Ora, como é sabido, o Brasil e as exportações dependem fortemente do milho produzido em Mato Grosso, cuja próxima safrinha está estimada em cerca de 40 milhões de toneladas, de um total previsto para o país de 88,5 milhões de toneladas, segundo o último levantamento da estatal Conab. Dá para imaginar o efeito nos preços do produto caso ocorra nova frustração da safrinha mato-grossense neste ano. Lembrando que a seca igualmente atinge Goiás, outro importante produtor do milho safrinha. Neste Estado, o acumulado de abril deve ficar em 12,5mm contra a média de 80mm. (cf. EarthDaily Agro)

Diante disso, analistas privados começam a revisar suas projeções de safra total para este ano. Agora, segundo a AgResource Brasil, o total fica estimado em 108,2 milhões de toneladas, sendo 21,94 milhões de toneladas para o milho primeira safra e 84,44 milhões de toneladas para o milho safrinha.

Quanto as exportações, nos primeiros 14 dias úteis de abril, o país embarcou 253.091 toneladas de milho. Esse volume representa 93% acima do que foi exportado em todo o mês de abril de 2021. O Brasil estaria aproveitando o espaço deixado pela Ucrânia, devido a guerra. A média diária de embarques aumentou 176% em relação a abril do ano passado. Já o preço da tonelada, subiu 35,8%, chegando a US\$ 330,40. (cf. Secex)

Vale frisar ainda que a Anec manteve a projeção de 850.000 toneladas a serem exportadas de milho neste mês de abril, contra 21.900 toneladas um ano antes.

Enfim, o Brasil importou 125.796 toneladas de milho nos primeiros 14 dias úteis de abril, tendo a média diária aumentado em 132% em relação a abril de 2021. O preço da tonelada importada atingiu a US\$ 273,50.

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, para o primeiro mês cotado, oscilou um pouco abaixo dos US\$ 11,00/bushel durante a corrente semana. O fechamento desta quinta-feira (28) ficou em US\$ 10,74, contra US\$ 10,68/bushel uma semana antes.

O mercado está atento ao plantio do cereal nos EUA e ao desenrolar do conflito entre a Rússia e Ucrânia, o qual continua sem perspectivas imediatas de término. Assim, o trigo de primavera, nos EUA, viu seu plantio chegar a 13% da área esperada até o dia 24/04. O mesmo está atrasado, também por questões climáticas, pois no ano passado havia atingido a 27% nesta época do ano, enquanto a média histórica é de 15%. Já o trigo de inverno, conforme o USDA, apresenta apenas 27% das lavouras entre boas a excelentes condições, contra 49% na safra passada nesta época do ano.

Em paralelo, na Argentina, espera-se um plantio de trigo em torno de 6,5 milhões de hectares para esta safra 2022/23. O plantio está prestes a iniciar, sendo que a área projetada será inferior à do ano passado. Os altos custos dos fertilizantes, os aumentos nos custos dos insumos em geral, a relativa melhora nas margens da safra de cevada e principalmente as políticas internas que afetam o plantio de trigo (lembramos que em março o governo argentino criou um fundo com a intenção de controlar os preços internos do trigo, além da existência da tarifa de exportação), são alguns dos motivos da menor área na Argentina, um dos maiores exportadores de trigo do mundo, segundo a Bolsa de Cereais de Buenos Aires. Lembrando que na safra passada a Argentina colheu 21,8 milhões de toneladas do cereal.

Já na China, houve interrupção dos leilões semanais de trigo oriundo das reservas estatais do país. Isso porque os estoques locais do cereal estariam mais baixos do que os existentes um ano antes, fato que elevou os preços do cereal no mercado doméstico nesta semana. Lembrando que, no final do ano passado, o governo chinês proibiu produtores de ração e pecuaristas de comprar trigo das reservas estatais, em leilões, em um movimento para diminuir os preços do grão alimentar. Os preços do trigo na província de Shandong, principal região produtora, subiram para US\$ 515,16/tonelada na semana passada, recuando levemente nesta corrente semana.

Dito isso, a guerra no Leste Europeu atinge em cheio o mercado do trigo, já que os dois países diretamente envolvidos representam 30% das exportações mundiais do cereal. Com isso, grandes importadores, como Egito, Turquia, China e África do Norte em geral, correm atrás de fontes de fornecimento do produto. Assim, o conflito forçou uma mudança no fluxo dos leilões internacionais do produto, com a corrida pelo trigo levando a uma alta histórica no volume de leilões para o mês de março, o que permitiu a alguns países montar reservas estratégicas de maior duração. (cf. hEDGEpoint

Global Markets). Com isso, até o Brasil e a Índia entraram fortemente no mercado exportador do cereal. No caso brasileiro, o país já exportou, neste ano, mais de 2 milhões de toneladas e, segundo a Anec, para abril, em plena entressafra de trigo, espera-se que o país exporte mais 156.218 toneladas.

Por sua vez, o preço do trigo no Brasil voltou a reagir, com a média gaúcha no balcão fechando a semana em R\$ 93,72/saco, enquanto no Paraná o produto oscilou entre R\$ 93,00 e R\$ 100,00/saco.

A questão principal, agora, além dos fatores externos já citados, é o plantio da futura safra no sul do país. No Paraná, segundo o Deral, o plantio atingiu a 3% da área esperada nesta semana, havendo um pequeno atraso em relação aos 5% registrados em igual período do ano anterior. O Paraná deverá registrar uma área total com o cereal em torno de 1,17 milhão de hectares, perdendo um pouco de espaço para o milho safrinha. Por enquanto, o clima transcorre positivamente para as lavouras tritícolas daquele Estado, sendo que 92% daquelas já semeadas estavam em boas condições e 8% em situação média.